

## **Canudos e Contestado em discussão: relatos de uma experiência no ensino fundamental**

Fabiane Gabriela Lubian Marques<sup>1</sup>  
Natália Cristine Costa<sup>2</sup>  
Silvia Vitorassi<sup>3</sup>

### **Resumo:**

Neste artigo analisamos diferentes recursos didáticos utilizados em oficinas para o Ensino de História, esta atividade deu-se com uma turma de 7ª série da Escola Básica Municipal Vitor Miguel de Souza. Enquanto bolsistas do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - optamos trabalhar com o grande tema da República e dentro deste as Guerras de Canudos e Contestado, tendo como enfoque os aspectos políticos e cotidianos que tratam a questão da ocupação da terra, neste caso buscando significados para a compreensão das origens do complexo sistema das populações rurais no Brasil. Dentro do período de aproximadamente um mês e meio realizamos três oficinas intituladas República, Canudos e Contestado, respectivamente. Nestas utilizamos diferentes recursos didáticos, e buscamos neste artigo dialogar e aprofundar a discussão de como se deu este processo e como os alunos e alunas se apropriaram do que foi executado nesse conjunto de oficinas.

**Palavras-chave:** Recursos didáticos, oficina, ensino de História, República.

### ***Aspectos a serem abordados***

Durante a elaboração desta oficina, o que nos motivou profundamente foi o intuito de realmente extrapolar os métodos tradicionais de ensino de História, ir além do conceito de aula expositiva, usado em larga escala nas últimas décadas. Seguindo o método de aula oficina proposto por Isabel Barca (2004), buscávamos nos múltiplos recursos didáticos disponíveis, diversificar e diferenciar a experiência que o aluno teria com o conteúdo assimilado, tentando explorar ao máximo os conceitos do “aluno, enquanto agente de sua

---

1 Acadêmica da 8ª fase do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

2 Acadêmica da 6ª fase do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

3 Acadêmica da 6ª fase do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

formação com ideias prévias e experiências diversas”, e principalmente do “professor (nosso caso, estagiárias), como investigador social e organizador de atividades problematizadoras”. Queríamos tentar não só uma nova didática no ensino do conteúdo selecionado, mas explorar as técnicas e os meios desse ensino, como diferencia Bittencourt (2004). Propondo-nos a utilizar diferentes recursos didáticos, nos colocamos como questionadoras das técnicas do ensino de história, visando uma aula que didaticamente falando, saíssem das noções tradicionais de ensino, e ao mesmo tempo experimentando os meios de ensino ao tentar buscar em diferentes formatos, seja jornal, histórias em quadrinhos, músicas, vídeos, problematizações que possam contribuir com o processo de formação da consciência histórica dos alunos.

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado (...) mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos (...). Neste modelo, o aluno é efectivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as actividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação. (BARCA, 2004, p. 133)

Entendendo a didática da História como uma ponte que facilita a apreensão da reflexão histórica em relação à prática da vida cotidiana, como Bergmann<sup>4</sup> e Rösen<sup>5</sup> propõem, tentaríamos proporcionar a maior apreensão dos conceitos pertinentes à República como a questão da liberdade, a coisa pública, *res publica*, objetivando que ao entender os conceitos primordiais em questão, o aluno seja capaz de equivaler esses conceitos em outros momentos e não focar somente no período/época estudado, limitando a compreensão mais ampla dos processos históricos.

### ***Apresentação da escola e da turma***

Ao trabalharmos com a turma de 7<sup>a</sup> série (turma 72 vespertino) do Ensino Fundamental da Escola Básica Municipal Vitor Miguel de Souza<sup>6</sup>, buscamos balançar as experiências cotidianas dos alunos, enquanto sua relação com a comunidade, a cidade, a escola e claro, uns com os outros, quando elaboramos as aulas. É importante para nós que o

---

4 Ver: BERGMANN, Klaus. A História da Reflexão Didática. Revista Brasileira de História: São Paulo, SP, V 9 n° 19. 1889/1990, p. 29 – 42.

5 Ver: RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR. v. 1, n°2. 2006, p. 07 – 16.

6 Escola localizada no bairro Itacorubi, Florianópolis, SC.

aluno se sinta um agente histórico, capaz de formar suas próprias opiniões, e que nas aulas de História, ele possa compreender os processos passados que culminam no presente e que inevitavelmente produzem uma expectativa enquanto ao futuro.

Foi com esse pensamento que planejamos as oficinas, ter uma compreensão inicial dos movimentos sociais atuais, principalmente ligados à questão da terra, foi um de nossos objetivos, enquanto construções históricas de uma relação entre o povo e o Estado, que permeou a disputa armada e teve como principal luta a ocupação das terras brasileiras que ao passar das mãos da coroa para as da República trouxe consigo uma ferida entranhada na História do Brasil. Visto isso pretendíamos focar a atenção das oficinas nesse ponto de transição entre Monarquia e República, a qual buscamos salientar: quem foram os atores sociais que estavam encabeçando a República brasileira, com quais intuítos e para quem ela serviria; e em oposição quem se revoltou e porquê. Transmitir conhecimentos desse contexto histórico aos alunos para proporcionar um entendimento mínimo da diferença de classes sociais no Brasil foi nossa meta principal durante todo o conjunto de oficinas.

A turma com que trabalhamos é constituída por quase a mesma quantidade de meninos e meninas, cerca de 16 e 14 respectivamente, tendo em média entre 13 ou 14 anos. Na sua maioria residem próximos à escola, numa área conhecida como Morro do Quilombo. A maioria também é natural de Florianópolis, tendo alguns alunos vindos do nordeste, da Bahia e do Ceará. Quanto à constituição do núcleo familiar, predomina a família com a figura central na mãe, porém algumas famílias seguem o modelo com pai, mãe e irmãos. As mães geralmente trabalham no comércio ou são domésticas, já os pais, em sua maioria trabalham com serviços de pintura, obras, marcenaria. Poucas mães e pais tem ensino médio completo, a maioria nem possui o ensino fundamental completo. Esses dados nos são úteis para delimitar um prévio conhecimento do cotidiano dos alunos e alunas, de qual lugar social eles falam? De onde vem?

### ***Descrição das atividades desenvolvidas na escola e da proposta de investigação***

Quando decidimos que o enfoque abordado seria sobre a “República” no Brasil, esta se daria por duas vias, uma no âmbito político e outra no cotidiano social, para assim tratarmos de uma questão mais ampla que são as revoltas do início do período republicano brasileiro. Optamos por este recorte e elaboramos um instrumento investigativo para captar o

que tacitamente os alunos já sabiam sobre os conceitos que definimos como primordiais, sendo estes conceitos os de república, cotidiano, política e revolta.

Assim, 28 alunos responderam a atividade<sup>7</sup>. Esta consistia em uma “chuva de ideias”, onde os conceitos principais que pretendíamos trabalhar com os alunos estavam destacados, permitindo que ao olhar a palavra, o aluno pudesse escrever qualquer significado que esta palavra tivesse para ele. Em segundo, elaboramos uma pergunta de caráter bem amplo e pessoal, o aluno deveria mobilizar seus pensamentos e sentimentos para escrever quais seriam os motivos que o fariam se revoltar, ou participar de alguma revolta.

Dentro do contexto da república brasileira trabalharíamos algumas das revoltas ocorridas neste cenário, os exemplos seriam: Canudos na Bahia e Contestado em Santa Catarina. Na atividade investigativa quando perguntamos o que levaria os alunos a se revoltarem, essa questão para nós é de suma importância, pois nos possibilitou uma interação mais direta com o que os alunos pensam e assim ao focarmos o assunto em si, ficaria mais fácil a compreensão dos fatos e condições que levam a uma revolta.

Ao analisarmos a atividade investigativa verificamos que a maioria dos alunos ao se referirem ao cotidiano na República reconheceu uma diferença de vida à que se tinha na Monarquia, fazendo assim alguns contrapontos. Para muitos a paz e a educação foram ampliados na República, bem como um suposto melhoramento de vida. Nas respostas, os alunos pontuaram o “trabalho” como uma melhoria, fazendo ligação com o fim da escravidão e a extinção dos pagamentos de impostos à coroa, criando assim uma ideia subjetiva de que a República trouxera mais liberdade aos indivíduos e que na Monarquia os laços entre a população e a coroa eram mais estreitos, culminando na escravidão.

No que se refere à política, novamente aparece a ideia de liberdade, aqui a maioria dos alunos aponta o poder do voto como algo inédito, a posição da mulher na vida política, vista como alguém que começa a se formar como indivíduo atuante politicamente podendo exercer o voto. Mas, o que mais nos chamou a atenção foi a comparação com a atualidade, fazendo muitas referências à corrupção, citando alguns casos que aparecem na mídia como o caso da “CPI do Cachoeira” e os vários desvios de verba e subornos que vemos nos diversos noticiários.

---

<sup>7</sup> Ver anexo páginas 14 e 15.

Constatamos como os ideais de liberdade permeiam os pensamentos dos alunos e como eles se manifestam em questões de trabalho e condições de vida; as referências para tais pensamentos tentamos investigar de várias maneiras. Podemos interpretar como o meio em que vivem lhes proporciona tais entendimentos, como as ligações sociais que desenvolveram e ainda desenvolvem possuem influência em seu próprio cotidiano, englobando a família, a escola, a comunidade local em que vivem e interagem, além dos meios midiáticos que por vezes se manifestam com maior intensidade que a própria família, tal o caso da televisão, presente na casa da maioria dos alunos. Ao pontuar os diversos meios, símbolos e interações a que os alunos estão sempre em contato, compreendendo como essas situações participam na construção do pensamento, assim como na construção, significação e resignificação, entendemos que assim vai se formando a consciência histórica (RÜSEN, 2006) desses alunos.

Um material investigativo tem por objetivo perceber em que consciência histórica estão “vibrando” os alunos, fazendo uma analogia com as ondas de rádio, para assim sintonizarmos à aula que será dada. Quando perguntamos o que os faria se revoltar, novamente apareceram questões que inibiam a liberdade individual e social como, por exemplo, aumento da passagem de ônibus, questões envolvendo o meio ambiente, como o destino do lixo, o bullying, a falta de dinheiro, problemas na saúde e na escola e um “não poder usufruir dos meus direitos” aparecem como respostas. Fizemos uma pergunta objetiva sobre o Contestado, mas nenhum aluno chegou a realmente responder, alguns tentaram, porém suas respostas estavam confusas, eram mais dúvidas do que respostas propriamente dita, mas 26 alunos colocaram que realmente não sabiam nada a respeito.

Com as respostas da atividade investigativa, elaboramos a oficina como se fosse em “blocos”, primeiramente, trabalharíamos o conceito de República, depois passaríamos para as Revoltas em si, problematizando a Guerra de Canudos num primeiro momento, e depois a Guerra do Contestado.

### ***República: O conceito***

Para contextualizar primeiramente o que é a República e como ela foi implantada no Brasil, optamos por conceituar a palavra República, sua origem e o significado que passa a possuir no contexto político no século XVIII. Questionamos o que seria essa República no Brasil, e apresentamos em um recorte de jornal da época como foi “comunicada” a

Proclamação da República para a população brasileira, pega de surpresa com o golpe militar organizado pelo Marechal Deodoro da Fonseca.

Em seguida, tentamos mostrar como junto com a República existe toda uma ideia de modernização e urbanização, a problemática aqui caiu sobre Santa Catarina por ser o estado em que os alunos estão inseridos, assim buscamos aproximar a realidade local com a do País. A modernização de Santa Catarina deu-se em grande parte pelo afastamento das populações mais pobres do centro da cidade, surgindo assim as periferias. Nos grandes centros os benefícios com saneamento começam a surgir, as ruas são calçadas, alargadas, iluminadas, buscando uma higienização da cidade e dos seus habitantes. Para trazer este ambiente do passado usamos imagens do Centro da Capital<sup>8</sup>, ainda com nome de Desterro, para representar essas mudanças.

Na prática, primeiramente buscamos dar significado junto aos alunos sobre o conceito de República, para que eles tivessem o mais claro entendimento possível capaz de reconhecer esse ideal de “coisa pública” e a realidade das expectativas por parte da aristocracia militar e civil, do que deveria ser o sistema político republicano no Brasil. Partindo desse ponto, a intenção das aulas era de trabalhar com a turma as questões vinculadas às contradições dessa República e as lutas armadas travadas contra esse ideal republicano, focando o trabalho nas Guerras de Canudos e Contestado. Como meios didáticos usamos fontes históricas imagens que contam a modernização do centro da então Desterro, capital da província de Santa Catarina e também uma notícia de jornal recortada que anuncia a chegada da República Brasileira.

### ***As Guerras de Canudos e Contestado vistas de outra(s) maneira(s)***

O desafio que tivemos de enfrentar desde o início foi o de tentar encontrar recursos diversos - abordando os temas que deveríamos trabalhar com a turma -, que mostrassem de maneira diferenciada dois momentos marcantes do início da república no Brasil, quais sejam a Guerra de Canudos e a Guerra do Contestado. Após vários encontros e buscas por materiais, chegamos num consenso: para trabalhar com a primeira, usaríamos o clipe e a letra da música *Súplica cearense* da banda *O Rappa*<sup>9</sup> e trechos do livro *Os Sertões* do autor *Euclides da*

---

<sup>8</sup> Ver anexo página 17.

<sup>9</sup> Banda de rock brasileira criada em 1993 com uma formação inicial de cinco integrantes, tendo como sua marca letras que denunciam as injustiças sociais do Brasil - <http://www.orappa.com.br/> - Acessado em 21/07/2013.

*Cunha*, sendo este escrito durante a própria guerra. Já com a segunda, usamos poesia, um livro de história em quadrinhos - ideia do professor supervisor e disponível na biblioteca da própria escola – e fotografias da época. Tais elementos de ensino também são fontes históricas, interessante notar que no caso da música escolhida e dos trechos de *Os Sertões*, são documentos que falam de um mesmo episódio, a Guerra de Canudos, mas que tem uma diferença enorme no tempo em que foram produzidos, com praticamente um século de distanciamento. Salientar as questões do passado em referência ao que se é produzido na atualidade é uma função também da História.

Com o material escolhido, iniciamos a sequência de aulas-oficinas, usando sempre esses recursos entre aulas expositivas, pois, apesar de tentarmos fazer algo diferenciado, precisávamos situar o contexto histórico e relacionar o tal recurso com o tema discutido. Para isso ainda não nos deparamos com algo mais prático e aplicável que as aulas expositivas, por mais que propuséssemos atividades com tom lúdico, a densidade histórica de um contexto nos pareceu ser mais inteligível através da aula expositiva dialogada.

A ideia das oficinas que versão entre diferentes atividades e meios de fazê-las veio para tentar sair do modelo de aula baseado no livro didático e explorar um novo olhar sobre um conteúdo, sem deixar de problematizá-lo e interpretá-lo. Segundo Eliane Mimesse, a introdução de novos materiais didáticos teve início na década de 1950, com métodos de ensino de História que passavam por reformulações na França (MIMESSE, p. 2). A introdução desses métodos vem como um apoio ao conteúdo, mas, também, para pensar as diversas formas com que um mesmo tema pode ser tratado.

É claro que tivemos algumas dificuldades, o fato de escolher várias formas de abordar um tema demanda muita atenção e cuidado na forma com que se prepara e efetua as aulas. Um dos nossos maiores problemas foi o tempo, em alguns pontos acabamos distribuindo-o mal entre as aulas expositivas e as atividades, além disso, nossas aulas acabavam sendo interrompidas por feriados e eventos da própria escola. De qualquer forma, e sabemos que os erros acontecem, conseguimos realizar conforme havíamos pensado toda a oficina.

A introdução desses novos meios de trabalho para a sala de aula dá-se em vias muito mais complexas no âmbito da educação, tendo como marco a década de 1980. Ainda seguindo as ideias de Mimesse, temos um trecho o qual ela expõe o porquê da diminuição do uso de livros didáticos:

Com a nova metodologia de trabalho difundida na década de 1980, que visava a participação do aluno, a construção do seu conhecimento a partir de sua realidade, as críticas à precariedade da escola pública, a luta pela democratização do ensino, a baixa remuneração dos professores, que gerou vários momentos de reivindicações e greves, o uso do livro didático sofreu uma diminuição. (MIMESSE, p. 6).

A escola na qual desenvolvemos nosso trabalho sempre proporcionou recursos tecnológicos em bom estado, o que facilitou bastante; a única coisa que não disponibilizava era computador (notebook) para usarmos o data show em sala de aula, o que fazia com que sempre uma de nós tivesse que levar o seu computador; essas características mais técnicas são relevantes para dimensionar a questão de toda uma logística para uma aula de sucesso. Mas, outros recursos sempre foram de fácil acesso, tais como o próprio aparelho de reprodução (data show), rádio, caixas de som, sala de informática. Estarmos inteiradas com os meios tecnológicos é uma necessidade que cada vez se faz mais urgente, tendo em vista a aceleração do mundo a nossa volta, sendo cada vez mais conectado.

A importância da participação do aluno na produção do seu próprio conhecimento e da inserção de meios didáticos que se aproximam da sua realidade foi algo que buscamos desde o começo. O uso de letra e clipe de uma banda de rock nacional conhecida por toda a turma, por exemplo, foi um modo de fazê-los compreender a crítica social que aquela música carregava a respeito de um momento histórico brasileiro distante no tempo, mas, muito próximo no que diz respeito às mudanças de seu país e da realidade atual de toda uma população, além, é claro, das lutas por direitos sociais.

No mesmo sentido, com a aula-oficina sobre a Guerra do Contestado, aproveitamos que o momento era propício por se tratar do centenário (1912 - 2012) e, tentamos explorar ainda mais esses vários recursos. Nossa intenção, após a aula expositiva, era de dividir a turma em grupos, entregar um kit (cartolina, canetinhas, cola, imagens da época, poesia e história em quadrinhos) e após breve apresentação desse kit mediar junto aos alunos a produção de um jornal, deixando a critério do grupo se este seria informativo, crítico, neutro, negativo, positivo, e também se ele seria atual, falando sobre a comemoração do centenário ou da época. No começo, ficamos inseguras, visto que achávamos que a turma talvez pudesse não se dedicar à atividade. Porém, o resultado foi além das nossas expectativas: além do bom manuseio com o kit entregue, mostrando responsabilidade e comprometimento com a proposta, os grupos se comprometeram em escrever seus próprios textos e souberam explorar bem as aulas dadas, inclusive fazendo seus próprios desenhos para suas narrativas.



Tivemos a oportunidade de fazer uma saída com os alunos para visitar a exposição sobre o centenário do Contestado<sup>10</sup>, que estava acontecendo no Museu Histórico de Santa Catarina, localizado no Palácio Cruz e Sousa em Florianópolis. Essa visita à exposição fechou com chave de ouro a nossa oficina, pois além de dar uma visão muito mais ampla sobre tudo que falamos em sala de aula, a turma pôde ter contato com as diversas formas com que esse momento foi tratado, seja por historiadores, artistas, mídia, caboclos, exército, etc.

### ***Análise dos resultados da investigação final***

Para o fechamento das atividades propostas elaboramos uma prova escrita<sup>11</sup> e um jogo de tabuleiro. Na prova analisamos como os alunos articularam os conceitos trabalhados nas atividades desenvolvidas, no sentido de como conseguiram expressar esse conhecimento e se assim, foram capazes de formular respostas coerentes, visando o trabalho feito em sala.

Para o jogo, os grupos foram separados em ordem aleatória, ou seja, a turma foi misturada de forma a desmanchar os “grupinhos” existentes dentro da sala de aula. Cada grupo contou com a ajuda de um coordenador do Jogo – as três estagiárias e o professor supervisor. A ideia era propor uma dinâmica diferente, fazendo com que a turma se relacionasse com colegas que normalmente não se relacionariam. O jogo proporcionou aos alunos uma atividade que pretendia fazê-los pensar e formular respostas rápidas, de uma maneira coletiva e leve, sem que a aula parecesse a “mesma coisa de sempre”, ou seja, muito conteúdo e exercícios sem uma avaliação diferente.

Utilizamos ao longo das oficinas diversos meios didáticos para tratar de um mesmo assunto, mas ao final decidimos por utilizarmos da prova escrita sem consulta. Como nossas atividades muitas vezes iam para o lúdico e a produção criativa, pretendíamos também observar num plano mais objetivo como os alunos interpretam os fatos, mesmo que façam uso de suas subjetividades.

As perguntas da prova versavam sobre conceito de República, vida cotidiana em Canudos e Contestado, antes e após as revoltas, e como tais temáticas se concretizam no tempo presente através dos movimentos sociais. Numa análise geral podemos concluir que os alunos captaram a ideia de liberdade, direitos e deveres que contém no conceito de República ao qual abrange o povo e o governo, muitos responderam que há uma diferença entre o

---

<sup>10</sup> Ver anexo página 22.

<sup>11</sup> Ver anexo página 20.

conceito e a realidade no que se refere à República enquanto “coisa do povo”. Por exemplo, na resposta da aluna **L.** que diz:

“significa coisa do povo e às vezes nunca acontece isso, como quem tá no poder não pensa no povo apenas só quer pensar no seu poder.”

Já o aluno **T. L.** responde que:

“não acontece a república porque há muita corrupção e compra de votos muitas promessas e nada acontece.”

Nestas duas respostas percebemos como ficou óbvia a distinção de um conceito puro para a realidade imediata.

Fazendo a relação com a atualidade dos movimentos sociais os alunos responderam, em sua maioria, que as revoltas de Canudos e Contestado deram continuidade até os dias de hoje formando o grupo do MST – Movimento Sem Terra, e também a relação problemática da terra com os indígenas. O aluno **E. L. P.** fala que:

“os índios não estão satisfeitos com o que tem, eles não tem muitas terras. A república na verdade não serve para todos. O MST, eles também não estão satisfeitos com o que tem.”

Basicamente a maioria das respostas vai por esse viés, o que nos mostrou que a proposta referente à diversidade de atividades e o uso de diferentes recursos didáticos foi positiva, eles conseguiram articular na escrita a consciência histórica que desenvolveram, não houve nenhuma discrepância absurda, conseguiram focar no tema proposto, dando uma opinião crítica acerca dos assuntos abordados nas aulas, e que estão transmitidos para o papel.

### ***Considerações finais***

A busca por diferentes meios didáticos é um desafio que nos colocou frente à aplicabilidade das oficinas. Os atos de criar e fazer os materiais das oficinas demandam organização do tempo, para que o grupo possa se encontrar, planejar, criar e confeccionar os meios necessários para cada atividade, é um trabalho muito mais manual que intelectual, é um querer fazer, acreditando que vai dar certo. Essa tônica positiva foi realmente fundamental para a efetivação e sucesso das oficinas, também cabe lembrar que trabalhamos em três, assim

as possibilidades de criação dentro de um modelo didático para levar o conhecimento histórico que temos da Universidade para uma sala de aula se tornam potencialmente criativos, assim a soma do que cada individualidade nossa trás e a vontade de passar aos alunos um conhecimento que tenha ao menos alguma ligação com sua prática cotidiana, nos motivou para o uso de diversos materiais como a música, poesia, HQ, jogo e etc., buscando com isso um maior prazer no âmbito do aprender escolar, tão quadrado e sem atrativos.

Saber através do contato imediato com os alunos se as oficinas propostas tiveram êxito ou não, trás para nossa prática como futuras professoras a realidade de que muitas vezes se tem que tomar outros rumos, diferentes dos previamente planejados ou, talvez, seguir os planos, pois estão dando certo. Percebemos nos alunos uma maior participação nas aulas, questionando mais que o comum, se fazendo mais ativos. Nossas propostas nas atividades pediam para que os alunos criassem sua forma de expressar o que apreenderam, tendo assim várias frentes de possibilidades que as atividades os convidavam. Relacionar conceitos cheios de subjetividades como República e Revolta, que ligavam nossas oficinas com o cenário atual que circunda o contexto da formação do Brasil, foi um dos nossos mais caros objetivos. Saber que a maioria dos alunos aceitaram as propostas e construíram a sua parte nas oficinas, aprendendo e criando, participando ativamente, construindo seu próprio conhecimento é o que demonstra que estamos no caminho certo, e que o caminho do conhecimento histórico é múltiplo de possibilidades e interpretações, caminhos que se fazem no tempo e espaço.

Ao término desse processo podemos concluir que o conhecimento histórico pode ser passado de maneira mais leve e gostosa de aprender, saindo um pouco dos padrões “copia, responde e prova que aprendeu”. Pode-se brincar, jogar, pintar, enfim, a multiplicidade depende do propositor, que terá que bancar a confecção dos meios alternativos à uma aula tida como tradicional. Saber de antemão que para um trabalho ser eficiente é necessário suor, vontade e planejamento, estudamos, estamos em contato direto com o conhecimento histórico, pois escolhemos essa profissão, optamos por passar aos alunos os caminhos que trazem a História, ela pode nos abrir horizontes, ao deixarmos-nos perceber que a História é uma linha sinuosa que nos liga, uns aos outros, aos fatos e ao tempo, este indecifrável companheiro da humanidade.

## ANEXO



Escola Básica Vitor Miguel de Souza

Professor: Marcos Francisco

Bolsistas: Fabiane Marques, Natália Costa e Silvia Vitorassi

Coordenadoras PIBID: Profa. Cristiani Bereta da Silva e Profa. Luciana Rossato

Turma: 72

### PLANO DE AULA

**TEMA:** Proclamação da República e movimentos sociais

**Objetivo geral:** Relacionar a Proclamação da República com as minorias sociais.

**Objetivos específicos:** Debater sobre as implicações da República para os povos do Contestado e de Canudos; introduzir os aspectos que mudaram na cidade e no campo após a República; situar os grupos contrários à República; questionar a relação entre os movimentos sociais e a República; Diferenciar as diferentes concepções de República: uma para a elite outra para o povo.

**Conteúdo:**

Conceito de República; Proclamação da República; Guerra do Contestado; Canudos; Movimentos Sociais.

**Metodologia:**

Aula expositiva dialogada, projeção de imagens, trabalho em grupo, diálogo com fontes.

**Roteiro da Atividade:**

1º momento (90 minutos): dialogar o conceito de República, tanto epistemológico quanto o conceito “popular”; contextualizar a República no Brasil (a mudança na política e no cotidiano e já indicando os movimentos do Contestado, Canudos e Farroupilha) e contextualizar a República em Florianópolis (a partir da discussão feita na aula-oficina anterior sobre as mudanças urbanas na cidade). Ao final dessa aula a proposta é que os alunos produzam um “texto” (podendo ser prosa, narrativa, poesia, música, quadrinhos, etc.) sobre a discussão feita em aula.

2º momento (90 minutos): introdução do contexto da Guerra de Canudos (o porquê, os personagens, o local); problematização da letra da música “Súplica Cearense” do grupo O Rappa. Ao final os alunos deverão, em grupos, fazer uma análise da letra da música, utilizando um roteiro no qual também conterà como fonte problematizadora trechos do livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha.

3º momento (90 minutos): introdução do contexto da Guerra do Contestado, utilizando mapas, notícias da época sobre o movimento e fazendo relação com os movimentos sociais rurais de hoje, problematizar as fontes (HQ, música, poesia, notícias de jornais, etc.). Ao final da aula os alunos deverão, em grupos, montar um jornal, ao menos a primeira página, na qual esteja presente o Contestado como tema.

4º momento (90 minutos): jogo de tabuleiro elaborado com dicas e pistas que associem os temas trabalhados nas aulas oficinas.

5º momento (45 minutos): atividade final de meta-cognição (ainda a planejar), na qual os alunos deverão por escrito associar os temas trabalhados.

**Recursos e materiais necessários:** Data-show, mapas, recortes de jornal, HQ, músicas, trechos de livros, poesias, imagens.

**Avaliação e critérios:** Participação nos debates e no desenvolvimento das atividades propostas sem fugir do tema.



Escola: E. B. M. Vitor Miguel de Souza

Professor: Marcos Francisco da Silva

Bolsistas: Fabiane G. L. Marques, Natália C. Costa e Silvia Vitorassi

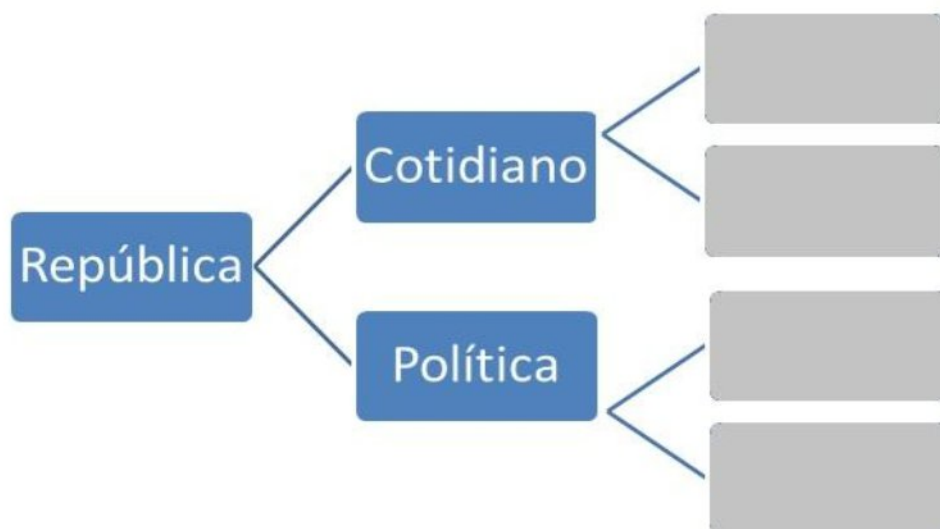
Coordenadoras PIBID: Profs. Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato

Turma: 7ª série

Data: 15/08/2012

### INSTRUMENTO INVESTIGATIVO

- 1) Complete o organograma abaixo, de acordo com o que você conhece sobre a República.





**Quadro de análise da atividade investigativa**

República	Cotidiano	Política	Revolta
Respostas dos alunos (palavras-chave)	Emprego / trabalho Educação Sem escravidão Sem impostos / sem coroa Melhoria de vida Mulher / direito ao voto / direito ao trabalho	Liberdade Mulher / direito ao voto / direito ao trabalho Corrupção / CPI do Cachoeira / desvio de verbas / roubo / mentiras / subornos Juízes / presidente / governador / leis Eleições / voto / reunião Mortes	Aumento do passe escolar / ônibus A favor de greve dos professores / hospital Melhorias na escola / na merenda Contra corrupção / roubo / desvio de dinheiro / políticos Contra mortes / violência Melhorias de vida / mais educação / respeito Pessoas falsas / bullyng Usufruir dos direitos Mais áreas de lazer Contra as guerras







Escola B. M. Vitor Miguel de Souza

Professor: Marcos Francisco da Silva

Bolsistas: Fabiane G. L. Marques, Natália C. Costa e Silvia Vitorassi.

Coordenadoras PIBID: Profs. Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato.

Turma: 72

Grupo: \_\_\_\_\_

Roteiro para análise comparativa entre a música “Súplica cearense” de O Rappa e trechos do livro Os Sertões de Euclides da Cunha.

Atividade:

1. Identifique os pontos em comum entre a música e os trechos do livro, tente observar como é descrito a vida, o homem rural, a relação com a terra, por exemplo.
2. Compare como é retratada a diferença chuva X seca.

### **Súplica Cearense - O Rappa**

Oh! Deus, perdoe esse pobre coitado, que de joelhos rezou um bocado, pedindo pra chuva cair, cair sem parar.

Oh! Deus será que o senhor se zangou, e é só por isso que o sol se arretirou, fazendo cair toda chuva que há.

Oh! Senhor, pedi pro sol se esconder um pouquinho, pedi pra chover, mas chover de mansinho, pra ver se nascia uma planta, uma planta no chão.

Oh! Meu Deus, se eu não rezei direito, a culpa é do sujeito, desse pobre que nem sabe fazer a oração.

Meu Deus, perdoe encher meus olhos d'água, e ter-lhe pedido cheio de mágoa, pro sol inclemente, se arretirar, retirar.

Desculpe, pedir a toda hora, pra chegar o inverno e agora, o inferno queima o meu humilde Ceará.

Oh! Senhor, pedi pro sol se esconder um pouquinho, pedi pra chover, mas chover de mansinho, pra ver se nascia uma planta, planta no chão.

Violência demais, chuva não tem mais, corrupção demais, política demais, tristeza demais. O interesse tem demais!

Violência demais, fome demais, falta demais, promessa demais, seca demais, chuva não tem mais!

Lá no céu demais, chuva tem, tem, tem, não tem, não pode tem, é demais. Pobreza demais, como tem demais!

Falta demais, é demais, chuva não tem mais, seca demais, roubo demais, povo sofre demais.

Oh! demais.

Oh! Deus.

Só se tiver Deus.

Oh! fome. Oh! interesse demais, falta demais...!

### **Os Sertões – Euclides da Cunha**

“Depois tudo isto se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera dos desertos alteia-se, mais profundo, ante o expandir revivescente da terra. E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono. Depois tudo isto se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfixiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem a intermitência das chuvas – o espasmo assombrador da seca. [...]”. p. 60

“O sertanejo é, antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, é ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. [...] É o homem permanentemente fatigado.” p. 99

“Antônio Conselheiro à vinte e dois anos, desde 1874, era famoso em todo o interior do Norte e mesmo nas cidades do litoral até onde chegavam, entretecidos de exageros e quase lendários, os episódios mais interessantes de sua vida romanesca; dia a dia ampliara o domínio sobre as gentes sertanejas; [...] por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultando o acesso à cidadela em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondicional, e fora do círculo dos fiéis que rodeavam havia, em toda a parte, a cumplicidade obrigatória dos que o temiam... E achou-se suficiente para debelar uma situação de tal porte uma força de cem soldados”. p.16



Escola B. M. Vitor Miguel de Souza

Professor: Marcos Francisco da Silva

Bolsistas: Fabiane Marques, Natália Costa e Silvia Vitorassi

Coordenadoras PIBID: Profs. Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato

Turma: 7ª série

Data: 31/10/2012

### ATIVIDADE FINAL

1. Pensando sobre o conceito de República, explique o que é a República para você.

---

---

---

---

---

2. Sobre os povos do Contestado e de Canudos, escreva como devia ser a vida antes da Guerra e após a guerra.

---

---

---

---

---

3. Pensando nas aulas sobre a República, Canudos e Contestado, você consegue pensar historicamente a atual situação dos movimentos sociais? Explique.

---

---

---

---

---

**Quadro de análise da atividade final**

	<b>Conceito de República</b>	<b>Vida antes e após a guerra (Canudos e Contestado)</b>	<b>Movimentos Sociais</b>
<b>Respostas dos alunos (palavras-chave)</b>	Para o povo Corrupção Poder Farsa Eleições Direitos	Vida na natureza Sertanejos / caboclos Simplicidade Trabalho duro Bom e mal Fome Seca Pobreza	Índios / MST Conflitos Mortes Mulheres e o voto Mídia

Para este quadro estão presentes as palavras-chave que apareceram em maior número.



**BIBLIOGRAFIA**

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. Dossiê História em Quadro-Negro: escola, ensino e aprendizagem. **Revista Brasileira de História**, São Paulo. V.9. N.19 pp. 29-42. set.1989/fev.1990.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Procedimentos metodológicos no Ensino de História. In: *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo, Editora Cortez, 2004, p. 225 - 251.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Uma imagem vale mais que mil palavras! P. 1 – 11.

**FALTA REFERÊNCIA COMPLETA**

MIMESSE, Eliane. A utilização de materiais curriculares na prática dos professores de História. P. 1 – 10. **FALTA REFERÊNCIA COMPLETA**

RÜSEN, Jörn. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR. v. 1, n°2. 2006, p. 07 – 16.